

Do palco da vida para a História: A performatividade de gênero de Anayde Beiriz

Giovane Alves de Souza (UEPB)*

ORCID 0000-0002-2237-7269

Maria Simone Marinho Nogueira (UEPB)**

ORCID 0000-0003-1141-3911

Resumo: Ao longo da História, muito foi prescrito a respeito da vida do sujeito feminino. De tal modo, a mulher foi posta em um lugar socialmente construído a partir da visão patriarcal, que determinou a sua posição de pertencimento na sociedade, ao mesmo tempo em que delimitou as configurações por trás do ser mulher. Vez ou outra houve aqueles que fugiram a essas normas e buscaram enveredar os seus próprios caminhos, e Anayde Beiriz é um desses sujeitos. Neste artigo, buscaremos analisar a performance da sua personagem, em sua biografia em quadrinhos, escrita por Luyse Costa (2016), atentando para a maneira como ela transgrediu os padrões sociais no que se refere à sexualidade, e como tal fator interviu em seu destino. Nosso referencial teórico-metodológico serão Barbosa (2010), Butler (2016) e Salih (2017).

Palavras-chave: Anayde Beiriz; Performance; Transgressão; Quadrinhos

Abstract: Throughout History, much has been prescribed regarding the life of the female subject. Thus, women have been placed in a socially constructed emplacement, based on the patriarchal vision, which determined their position in society, while delimiting the configurations behind womanhood. Time and again there were those who have escaped these norms and sought to go on their own ways and Anayde Beiriz is one of these subjects. In this paper, we aim at analyzing the performance of the character Anayde Beiriz, in the comic biography written by Luyse Costa (2016), looking at how she transgressed the social standards regarding sexuality, and how this factor intervened in her destiny. Our theoretical and methodological references will be Barbosa (2010), Butler (2016) and Salih (2017).

Keywords: Anayde Beiriz; Performance; Transgression; Comics

Resumen: A lo largo de la historia, mucho se ha prescrito acerca de la vida del sujeto femenino. De esta manera, la mujer ha sido colocada en una posición socialmente construida desde la perspectiva patriarcal que determinó su posición de filiación a la sociedad, al mismo tiempo que delimitó las configuraciones del ser mujer. De tempos en tiempos ha habido aquellos que han huido de estas reglas y han tratado de seguir su propio camino, y Anayde Beiriz es una de esas personas. En este artículo, se intentará analizar la performance de su personaje en su biografía en cómics escrita por Luyse Costa (2016), observándose la forma en que ella ha transgredido los moldes sociales con respecto a la sexualidad y cómo este factor intervino en su destino. Nuestras referencias teóricas serán Barbosa (2010), Butler (2016) y Salih (2017).

Palabras-clave: Anayde Beiriz; Performance; Transgresión; Cómics

Recebido em: 31 ago. 2019

| Aprovado em: 08 out. 2019

* Mestrando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: giovane.oficial@hotmail.com.

** Doutora em Filosofia. Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mar.simonem@gmail.com.

Muié macho, sim sinhô: uma mulher, múltiplas facetas

Nascida na Parahyba do Norte, atual João Pessoa, em 18 de fevereiro de 1905, Anayde de Azevedo Beiriz chocou a sociedade paraibana do início do século XX com a sua sagacidade e vanguardismo. A poetisa escrevia versos que causavam furor no meio intelectual em que viveu. Além disso, o choque se dava também pela sua aparência e pela maneira como se conduzia no meio social que frequentava: maquiava-se, saía sozinha às ruas, fumava e usava seu cabelo curto, no estilo *à la garçonne*¹, muito disseminado na época, e que era símbolo da rebeldia feminina.

Formou-se com destaque pela Escola Normal em 1922, aos dezessete anos de idade, sendo a primeira aluna da turma. Formada, conseguiu um emprego e passou a lecionar na então Escola da Colônia de Pescadores Z-2, localizada em Cabedelo. Beiriz teve origem modesta; sua mãe, Maria Augusta, era sertaneja, e seu pai, José Costa Beiriz, era gráfico do jornal *A União*. Porém, as amizades que cultivou nos tempos de colégio, assim como o apego que ela tinha pelos estudos, serviram-lhe de ferramenta para que pudesse frequentar espaços de maior destaque econômico e social da sociedade paraibana. Nos quadrinhos de Costa (2016, p. 11), que se encontram na segunda página do seu livro, podemos ver, com traços delicados de ternura, esta primeira fase da vida de Anayde, conforme ilustrações abaixo²:



¹ Do francês “para menino” ou “à maneira de menino”, o corte é caracterizado pelo curto volume do cabelo, imitando o que seria, para a época, um estilo masculino. Tal corte despertava olhares tortos da sociedade, pois não era considerado um estilo apropriado para “moças de respeito”.

² As ilustrações trazem duas notas. Uma encontra-se na profissão do pai de Anayde, que era Linotipista (“3. Linotipista é o responsável por operar o linotipo, a máquina usada para a confecção de textos”); a outra aparece na imagem da máquina de datilografia (4. “No mesmo ano em que diplomou-se na escola, matriculou-se no primeiro curso de datilografia da Parahyba”). Cf. Costa (2016, p. s/p).

Ela comparecia às tertúlias e saraus intitulados “lítero-dançantes” (Cf. BARBOSA, 2010, p. 1), que eram realizados, via de regra, em residências de personalidades notórias da época. Ela chamava atenção pela sua aparência, que a fez, no ano de 1925, ser a vencedora de um concurso de beleza promovido pelo *Correio da Manhã*. Devido aos seus olhos de cor negra, ficou conhecida, no seu círculo de amigos, como “a pantera dos olhos dormentes” (Cf. BARBOSA, 2010, p. 1). Além disso, foi a única integrante mulher de *Os Novos*, grupo literário paraibano que tinha influências modernistas. Isto é apresentado nos quadrinhos de forma bastante econômica, se assim pudermos nos expressar (será ilustrado mais adiante no nosso texto). Na sequência desta informação, a obra apresenta a importância da liberdade para a escritora paraibana, brindando-nos com alguns dos seus versos, e fala da sua colaboração em diversas revistas da região, como podemos ver na ilustração abaixo (COSTA, 2016, 13):



Conservava ideais considerados progressistas para a época, e sua mentalidade não era bem vista em meio ao conservadorismo paraibano daquele período. Enquanto poetisa era participante ativa de grupos intelectuais, e comumente envolvia-se em movimentos artísticos que ganhavam notoriedade em seu meio. Cumpre notar que, considerando o período histórico em que vivia, Anayde Beiriz estava inserida em um contexto de efervescentes mudanças no meio artístico e social, como a inovação na maneira de se conceber a arte, gerada pelo modernismo, assim como a crescente onda política que clamava pelos direitos das mulheres, por exemplo. A própria artista se fazia ativa

politicamente, reivindicando, inclusive, a inserção da mulher na política, em uma época em que as mulheres sequer tinham o direito ao voto³.

Fazendo uso de seus atributos de escritora, ela chegou a ser jornalista contribuinte da *Revista da Cidade*, no Recife. Outrossim, chegou a publicar seus escritos na *Revista Era Nova*, então editada por Severino de Lucena, assim como na *Revista da Semana*, considerada por muitos a primeira revista alternativa na imprensa paraibana e que dialogava com o movimento modernista. Sobre as participações nestas revistas, os quadrinhos voltados para o público infanto-juvenil, de Sabrina Bezerra, também são, como os de Luyse Costa, bem econômicos. Os de Bezerra só fazem uma menção numa tirinha, em que alguém comenta de forma elogiosa um poema de Anayde publicado em uma revista. Os de Costa apenas relatam que Beiriz colaborava para diversas revistas da região.

De toda forma, mesmo sendo dotada de talentos artísticos voltados para a escrita, foi a sua vida amorosa que lhe garantiu destaque na sociedade paraibana. Isto fica claro, também, na história em quadrinhos em apreço, pois ocupa duas das três partes do livro de Luyse Costa⁴, o que não deixa de ser interessante porque, sobretudo na sua relação com João Dantas, tomamos conhecimento também de um pouco da história da Paraíba naquele período. Como podemos ver na imagem abaixo (COSTA, 2016, p. 23)⁵:



³ Ainda sobre o tema do sufrágio feminino, encontramos numa outra história em quadrinhos sobre a nossa escritora, desta feita para o público infantojuvenil, uma tirinha com as seguintes palavras de Beiriz: “Elevemos a mulher ao eleitorado, é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada, em vez de conservarmos nesta injusta minoridade, convidêmo-la a colaborar com o homem na oficina da política. Que perigo pode vir daí?” (BEIRIZ *apud* BEZERRA, 2016, p. 28).

⁴ Na História em quadrinhos infantojuvenil de Sabrina Bezerra (2016), as relações amorosas de Anayde Beiriz também ocupam mais da metade do livro e, assim como a história em quadrinhos que serve de base para este artigo, igualmente traz a reboque da relação de Anayde com João Dantas, como não poderia deixar de ser, um pouco do momento político daquele período.

⁵ Esta parte da história em quadrinhos traz uma nota que informa o seguinte: “15. João Pessoa, o presidente do Estado (assim era chamado o governador na época), era o principal inimigo político de João Dantas. Os insultos eram recíprocos e trocados por meio dos Jornais “A União”, a favor de João Pessoa, e “O Comércio”, a favor de João Dantas” (COSTA, 2016, s/p).

A poetisa adquiriu maior notoriedade na história do estado em virtude das tramas em volta dos acontecimentos políticos que culminaram no que hoje é conhecido como a *Revolução de 1930*. Neste período, como já dissemos, ela se envolveu romanticamente com João Dantas, advogado e jornalista que assassinou João Pessoa. Dantas era ligado ao então Partido Republicano Paulista (PRP), partido de oposição ao de João Pessoa, que fazia parte do Partido Liberal (PL). No início da *Guerra de Princesa*⁶, Dantas acabou se mudando para o Recife e mantendo o relacionamento com Anayde a distância, através de cartas. Temendo uma revolta armada por parte de João Dantas, João Pessoa deu ordem para que a polícia revistasse vários locais, incluindo o próprio escritório de João Dantas, onde, apesar de não terem achado armas, encontraram cartas de sua amada. No dia seguinte os jornais expuseram as cartas, com o intuito de atingir a honra de Dantas. Em decorrência disso, com a honra manchada, ele soube que João Pessoa estava na Confeitaria Glória, em Recife, e foi até o local, onde o assassinou. Os traços de Luyse Costa sobre esta parte da narrativa não trazem detalhes, apenas uma página de um jornal e as possíveis motivações do crime que ficam em aberto, como podemos ver abaixo (COSTA, 2016, p. 24-25)⁷.



⁶ Esta revolução tinha caráter estadual e ocorreu na cidade de Princesa Isabel, na Paraíba. Iniciada em 15 de março de 1930, visando a tirar João Pessoa do poder.

⁷ Ao contrário da história em quadrinhos de Sabrina Bezerra, que expõe todo este episódio de forma bem detalhada e assume a teoria do crime passional. A riqueza de detalhes, do nosso ponto de vista, acontece por se tratar de uma história em quadrinhos voltada para o público infantojuvenil. A própria coleção em que está inserido o livro se intitula *Primeira leitura*.



Anayde Beiriz foi criticada publicamente por razões morais e políticas e, sentindo-se acuada após o assassinato de João Pessoa, que causou comoção popular, decidiu abandonar a sua residência na Paraíba, indo morar em um abrigo no Recife, onde passou a visitar João Dantas, detido e recolhido à Casa de Detenção na mesma cidade. Dantas acabou sendo degolado e, pouco tempo depois do ocorrido, Anayde faleceu devido a uma causa ainda não desvendada. Sabe-se que chegou ao Asilo Bom Pastor para se refugiar e chegou lá já com crises fortes de vômito. Poucas horas depois, ela veio a falecer e foi enterrada como indigente no cemitério de Santo Amaro. Estes acontecimentos são retratados com grande destaque em *Parahyba Mulher Macho* (1983), filme dirigido por Tizuka Yamazaki. Na história de Luyse Costa, esta parte oscila entre o lírico (como podemos ver na expressão do olhar de Anayde, repleto de excesso de dor) e o trágico (na imagem da última página do livro, que traz apenas o vulto de Anayde e retoma o último quadrinho da primeira página), abrindo e fechando um ciclo de vida já enunciado na epígrafe da biografia escrita por Costa: “Talvez algum dia você ouça falar em mim; seja qual for o caminho que eu seguir você fique certo de que é em busca do esquecimento: seja o do vício, seja da morte...” (BEIRIZ *apud* COSTA, 2016, s/p).

Vejamos as ilustrações abaixo, que se encontram da última para a primeira página (COSTA, 2016, p. 10-27):





Por fim, nota-se o quão emblemática era a figura de Anayde Beiriz, e como a sua ousadia e seu talento a faziam transgredir as mais diversas normas no campo político-social de sua época. Sua imagem se tornou um símbolo para o movimento feminista como sendo uma das personagens míticas da história do Brasil. E é por isso que ela, agora retratada enquanto personagem na biografia de Luyse Costa, nos interessa para a construção da nossa análise. Propomo-nos aqui a tratar da performance da personagem, isto é, como ela se manifesta a partir das noções de gênero diante da sociedade, e como ela se apresenta como transgressora. Para isso, fazemos uso da teoria da performatividade de gênero de Judith Butler, presente no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2016). Mas, para tal, se faz necessário, antes, estudar como as manifestações das identidades sexuais do indivíduo ocorrem, e é isso que nos propomos a fazer na seção a seguir.

A formação identitária do sujeito: uma leitura butleriana

Nos dias atuais, os Estudos de Gênero vêm ganhando cada vez mais notoriedade nos espaços acadêmicos e sociais, e, apesar de a sexualidade ter sido um fator pertencente à essência humana desde sempre, estes estudos só obtiveram maior notoriedade a partir da década de 1970, com a emergência dos movimentos sociais, tais como o movimento negro, feminista e LGBT. E, embora a quantidade de nomes que fomentam este campo dos estudos ser afluente, o nome que nos interessa, neste trabalho, é o de Judith Butler.

Em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990), a estudiosa norte-americana teoriza a respeito dos mecanismos que interferem na vida do indivíduo enquanto ser sexual e discorre, ainda, acerca das prescrições que fomentam a vivência de tais seres. Suas considerações abarcam, em grande parte, pessoas LGBT e a mulher. Uma das teses levantadas pela estudiosa nesse ensaio é o que ela nomeia de *performatividade de gênero* que, em suas palavras, corresponde a:

[...] atos, gestos, e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que surgem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2016, p. 235).

Ora, as *performatividades de gênero* se equiparam ao que seriam atos ou gestos que, atrelados ao uso de determinados signos, de forma contínua, têm a função de formar uma identidade sexual, e tal identidade é efeito e funciona a partir do que seria um discurso social e público (BUTLER, 2016, p. 235). Neste sentido, constroem-se, no discurso hegemônico, modelos de sexualidade padrão que devem ser seguidos e reconhecidos para a manutenção de um parâmetro identitário, tal como o da mulher heterossexual, isto é, que se sente atraída por homens. Dela espera-se, por exemplo, a vontade de se casar, a atração sexual e romântica por homens, além do cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos.

De acordo com Sara Salih, Butler empenha-se em fazer questionamentos acerca do *sujeito* de forma contínua (SALIH, 2017, p. 10), ao passo que questiona a natureza dos processos que materializam a existência desse sujeito, por meios em que se é construído e se essas construções são ou não bem-sucedidas (*Ibidem*, p. 10-11). Nas palavras da estudiosa:

O “sujeito” de Butler não é um indivíduo, mas uma estrutura linguística em formação. A “sujeitidade” [subjecthood] não é um dado, e, uma vez que o sujeito está sempre envolvido num processo de devir sem fim, é possível reassumir ou repetir a sujeitidade de diferentes maneiras (SALIH, 2017, p. 11).

Deste modo, o sujeito passa a pôr em prática uma identidade fluida, que delimita a sua existência e contribui para um processo de edificação de identidade, capaz de desconstruir os padrões no que se refere à identidade sexual. A criação dessa nova identidade traz uma emancipação do valor dicotômico socialmente construído e viabiliza o acesso a uma torrente de múltiplas identidades. Assim, torna-se evidente que, no pensamento butleriano, há uma desconstrução de valores no tocante ao sexo enquanto identidade e expressão do desejo, não devendo o corpo ser o destino, visto que ele pode

expandir de forma abrangente tais configurações, não correspondendo às expectativas sociais.

Salih (2017) destaca, ainda, que os estudos sobre a performatividade de gênero ampliam os horizontes das reflexões de estudiosos como Beauvoir, por exemplo, acerca da construção das identidades, uma vez que Butler estima a noção de que o sujeito não é uma entidade preexistente. Além disso, ela destaca que, posto que as nossas identidades são *construídas*, elas podem, também, ser *reconstruídas*, passando a subverter as estruturas hegemônicas no tocante à sexualidade (SALIH, 2017, p. 22). Sendo assim, entende-se que o sujeito, tal como compreendido por Butler, é um ator no que seria o palco metafórico da vida, e que tem poder e vontade de “encenar” (Cf. SALIH, 2017, p. 65) a sua identidade.

É nesse cenário de prescrições e subversões que Judith Butler chama atenção para o poder da cultura sobre a sexualidade do indivíduo, já que é evidente que fatores culturais têm o poder de controlar os desdobramentos da identidade humana, estipulando, deste modo, o que é compreendido dentro do campo da normalidade ou não. Sobre isso, disserta a autora:

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei o conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2016, p. 28-29).

Logo, a teórica torna notório que o fator que tem maior poder em delimitar o entendimento acerca do indivíduo é a cultura, uma vez que ela é responsável por traçar o nosso destino a partir de regras prévias à nossa existência, que nos manipulam e que sustentam ideais de forma contínua. Com isso, Butler deixa explícito que esta compulsão não vem do sexo, mas sim de uma *situação*, pois “não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais” (BUTLER, 2016, p. 29). Deste modo, entende-se que os corpos, tanto o masculino quanto o feminino, são concebidos a partir das prescrições culturais e, mesmo assim, tais corpos não têm necessariamente a obrigação de corresponder a estas prescrições.

Com isso, se levarmos em conta a maneira como Anayde Beiriz conduzia a si mesma diante da sociedade, podemos dizer que ela colocava em prática uma performatividade de gênero desviante do padrão. Seu corte de cabelo curto, que se assemelhava a cortes considerados masculinos, além do fato de ela fumar e andar sozinha são maneiras que ela achou para se expressar enquanto indivíduo, e isso acaba por descentralizar noções culturalmente construídas a respeito do que seria feminino ou apropriado para uma moça, quebrando padrões que a aprisionavam a uma identidade que não a contemplava por inteiro. Assim, ao arcar com a expressão de sua identidade de modo desviante, ela arca com o aprimoramento do seu eu enquanto indivíduo sexual, construindo uma identidade que, para ela, é particular.

Em virtude disso, objetivamos, na seção a seguir, dar enfoque à maneira como a personagem Anayde Beiriz, da biografia em quadrinhos de Luyse Costa, expressa a sua sexualidade e rompe com os padrões socialmente construídos, tal como fez a poetisa em vida.

Do palco da vida para a História: a performatividade de gênero de Anayde Beiriz

A biografia em quadrinhos de Anayde Beiriz, com o traço e roteiro de Luyse Costa, foi publicada pela editora Mundial em 2016. Ela é dividida em três partes: a primeira, intitulada *Incompreendida, ansiosa, eternamente insatisfeita*, constitui-se numa apresentação inicial da figura de Beiriz ao(à) leitor(a), que aborda o seu tempo de escola e a sua personalidade; a segunda, *Um amor que se fez saudade*, aborda o que seria o primeiro grande caso de amor da

protagonista, com Heriberto Paiva, então estudante de medicina; e, por fim, a terceira e última parte, *Amar depressa, esquecer devagar*, lida com o seu namoro trágico com João Dantas.

Inicialmente, a protagonista é apresentada como um indivíduo que tinha um relacionamento problemático em relação ao seu tempo, considerando que “a década de 1920 foi uma época fascinante [...] o mundo passava por uma série de mudanças que, pouco a pouco, chegavam à cidade da Parahyba” (COSTA, 2016, p. 10). Porém, mesmo em um ambiente que passava por mudanças e caminhava para o futuro, Anayde é exposta como uma moça como todas as outras, mas com um olhar um pouco mais distante. Talvez por saber que não seguia as regras de uma sociedade ainda presa por costumes tradicionais tinha seu preço (COSTA, 2016, p. 10).

Assim, a figura de Anayde e sua personalidade, juntamente com o ambiente em que ela está inserida, se apresentam a partir de um relacionamento paradoxal: a mudança dos tempos e o vanguardismo da moça ainda não são suficientes para desprendê-la da moral firme daquela época, resultando, assim, em seu destino. E é essa moralidade que, segundo Mary Del Priore, “favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina” (PRIORE, 2011, p. 160). Assim, Anayde, que “além de inteligente [...] era uma mulher livre”, causava, “ao mesmo tempo, admiração e espanto das pessoas ao seu redor” (COSTA, 2016, *passim*). Estas características são mostradas quando se fala muito brevemente da ligação de Anayde com *Os Novos*, como podemos ver abaixo (COSTA, 2016, p. 12)⁸.



Logo Anayde se envolveu com Heriberto Paiva, estudante de medicina. E ela, que sempre “foi intensa em suas relações amorosas” (COSTA, 2016, p. 16), manteve um relacionamento fervoroso com o futuro médico. Devido à vida que ambos levavam, a distância era comum entre os dois, então seu relacionamento era mantido através de correspondências. Heriberto planejava casar-se com a moça, e em suas cartas fazia menção à vontade que tinha de ter filhos e formar uma família com Anayde (Cf. COSTA, 2016, p. 17). Vale notar, contudo, que Heriberto era um “herdeiro tradicionalista [...] apreciava a ideia do lar, filhos e esposa para cuidar do marido” (COSTA, 2016, p. 18). Sendo assim, a educação do rapaz e, também, os olhares tortos da família logo interferiram na relação dos dois, como podemos ver em Costa (2016, p. 17):

⁸ Esta parte dos quadrinhos traz três notas: “5. Em 1925, Anayde venceu o concurso de beleza do Correio da Paraíba”. “6. Anayde foi uma das primeiras mulheres da Parahyba a usar o corte de cabelo “la garçonne”, que significa “a maneira de um menino” e tem efeito de nuca batida e fios retos, com ou sem franja”. “7. “Os novos” era um grupo de jovens intelectuais organizados por Amarylio de Albuquerque. Suas reuniões eram de caráter lítero-musical. Anayde era uma das que mais declamava nesses encontros” (COSTA, 2016, s/p).



A personalidade forte de Anayde lhe custou ser malvista pela família do amado. A ideia tradicionalista de matrimônio logo veio à tona como empecilho para os dois. Apesar de também sonhar em ter filhos, ela “era uma mulher que apreciava a liberdade” (COSTA, 2016, p. 18). Mas foi o ciúme de Heriberto que decretou o fim do seu amor. Ele havia descoberto que Anayde tinha dançado com seu conterrâneo, Flávio Maroja, e não tardou para que o relacionamento dos dois se desgastasse. O jovem estudante preenchia as suas correspondências de alardes em relação ao comportamento de Anayde – o ciúme era constante.

E, levando-se em conta este cenário da vida da protagonista, faz-se necessário elencar as considerações de Mary Del Priore em relação à fidelidade conjugal, pois, segundo a estudiosa, esta era sempre tarefa feminina (Cf. PRIORE, 2011, p. 67), e:

A falta de fidelidade masculina era vista como um mal inevitável que se havia de suportar. **Era sobre a honra e fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal.** Ela era a responsável pela felicidade dos cônjuges (PRIORE, 2011, p. 67 – grifos nossos).

Assim, podemos perceber o porquê da preocupação exacerbada de Heriberto em relação à fidelidade de Anayde: a sua educação tradicional prezava por um modelo de esposa fiel e bem-comportada; logo, uma mulher livre e que seguia a própria vontade, tal como ela fazia, seria incompatível com o seu modelo de vida. E foi assim que o “relacionamento finalmente se desfez” (COSTA, 2016, p. 19). Mas foi com o fim desta união que se abriu uma oportunidade para a consumação de um caso amoroso que marcou a história da Parahyba.

Dois anos depois do fim de seu relacionamento com Heriberto Paiva, Anayde Beiriz conheceu o advogado João Dantas. Como já mostramos na terceira ilustração, eles viviam um relacionamento bastante intenso que causava muito burburinho na cidade. Anayde tinha vinte e três anos quando o conheceu, e ele tinha cerca de quarenta. Além da diferença de idade, o envolvimento político de João Dantas era outro fator relevante para o envolvimento dos dois ficar famoso. E, concomitantemente ao caso de amor, Dantas envolvia-se cada vez mais em conflitos com seu rival, João Pessoa, como já mostramos também na terceira ilustração deste artigo. Tão logo começaram a namorar, Dantas envolveu-se no assassinato de seu inimigo político, que acabou ocasionando a sua prisão e, posteriormente, sua morte. O fato os separou e começou a influenciar a vida de Anayde, como vemos na tirinha abaixo (COSTA, 2016, p. 26):



Pouco tempo depois do ocorrido, ela faleceu. A causa da morte, apesar de não ter sido amplamente esclarecida até hoje, confirma um destino ao qual Anayde Beiriz estava prometida. Nota-se que o seu comportamento era constante alvo da sociedade, e ela era julgada por todos ao seu redor, por se desviar do tipo de conduta que era de se esperar de uma “moça de respeito” no início do século XX. Assim, tal como pode ser observado na tirinha acima, ela passa a ser julgada e rechaçada por aqueles que a cercam, como em uma espécie de punição pelo seu comportamento transgressor. Este fator, segundo Butler, é comum na vivência daqueles que quebram os padrões impostos pelo meio social em que vivem. Nas palavras da estudiosa:

Como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero (BUTLER, 2016, p. 241).

Portanto, para que os sistemas compulsórios de gênero sejam mantidos intactos, faz-se necessário adicionar certa carga punitiva à performatividade daqueles que se desviam dos padrões. Ao mesmo tempo em que serve como punição, este “castigo” serve também como exemplo àqueles que cheguem a cogitar fazer o mesmo. Ao castigar a vida do desviante, corrige-se o seu caráter errôneo e espera-se que a sociedade volte ao seu considerado estado de “normalidade”.

Assim, a mulher, artista e enamorada Anayde Beiriz constrói uma performatividade de gênero que, para o espaço onde vivia, era digna de punição. Primeiramente, notamos que um dos padrões dos quais ela se desvia está também no próprio fato de ser uma escritora, uma vez que a literatura brasileira do início do século XX era um campo extremamente masculino. Além disso, o desvio se faz presente ao passo que ela arca com a liberdade de dançar com quem quer, falar o que lhe convém, se afirmar politicamente como se entende e namorar as pessoas que deseja também. E esse comportamento, em uma sociedade ainda aprisionada a conceitos morais rígidos, tende a acarretar olhares e, conseqüentemente, correções, tal como acontece com a nossa protagonista. Todos esses desvios, atrelados a um relacionamento enraizado em uma fatalidade da história política do estado, somaram-se aos deslocamentos do retrato ideal da mocidade que a destinou ao seu fim.

Considerações finais

Pode-se afirmar que Anayde Beiriz foi uma mulher que definitivamente marcou a História. Seus escritos, seus amores e sua personalidade ousada colocam em xeque os valores da sociedade em que viveu e servem como modelo para que possamos observar a maneira como a sociedade tende a tratar aqueles que fogem de seus preceitos. Hoje, não somente enquanto figura participante da história do estado da Paraíba, mas também enquanto parte da nossa literatura, o seu legado reverbera e traz à tona uma realidade que ainda ecoa.

Na literatura ocidental, o uso do castigo, enquanto forma de correção e normalização do sistema compulsório de gênero, teve representação constante. A título de exemplo, tem-se o romance *O retrato de Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde, cujo personagem Basil Hallward, que supostamente seria homossexual, é assassinado pelo protagonista do romance, “já que o mesmo não obedece à ordem heterossexual do desejo” (SOUZA, 2018, p. 41). Outro exemplo, desta vez presente na literatura realista-naturalista brasileira, é o de Amaro, protagonista de *O Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, que, sendo um homem negro, escravo recém-fugido, alcoólatra e também homossexual, se vê definhando ao longo da narrativa devido ao tratamento que recebe daquele que ama e da sociedade ao seu redor.

Há de se notar, no entanto, que, no caso de Anayde Beiriz, esta punição veio com a sua morte que, independentemente de como foi levada a cabo, certamente trouxe consigo a sua carga de castigo e o peso que as normas sociais têm em relação à vida do indivíduo. Ainda convém lembrar que, diferentemente dos personagens citados acima, Anayde era uma mulher heterossexual e, mesmo não se igualando àqueles no quesito orientação sexual, ela ainda é um sujeito desviante do padrão. O desvio da moça não vem da atração física e/ou romântica que ela tem por outros, mas da maneira como ela se expressava enquanto mulher no campo social em que transitava. Tal fator, em maior ou menor grau, contribuiu também para esse processo de correção e castigo pelo qual ela passou.

Acreditamos, neste sentido, que a figura feminina foi aprisionada a conceitos preconcebidos que moldaram a sua existência. Tais preceitos tiveram o poder de delimitar os limites de sua vivência e configurar o seu futuro, tal como se fez com a poetisa. Apesar disto, sua vida foi palco para uma performance emblemática que transitava entre os limites do desejo. Seu nome ora foi sinônimo de ousadia, ora de vergonha, mas seu legado se firma na disposição de seu espírito, que, mesmo aprisionado a uma trilha regrada da sociedade em que viveu, não teve medo de seguir o seu próprio caminho.

Deste modo, nas três partes que compõem a história em quadrinhos de Luyse Costa, essa performatividade já se apresenta, de algum modo, nos títulos que formam a narrativa. Assim, Anayde é a *incompreendida* no seu próprio modo de se colocar no mundo.

Diferente da maioria das mulheres da sua época, na forma como se vestia, cortava o cabelo, amava, escrevia e ansiava pelo saber, daí ser *eternamente insatisfeita*. Em *Um amor que se fez saudade*, ou seja, na sua relação com o rico estudante de medicina, Heriberto, Anayde parece se apropriar, pelo menos em algumas cartas, de um outro tipo de performatividade, a da mulher que quer se casar e ter filhos, embora continue prezando pela sua liberdade e vivendo-a na sua plenitude, valorizando, portanto, mais a ideia da incompreendida e a da eternamente insatisfeita, tanto que o seu namoro acaba. Em *Amar depressa, esquecer devagar*, vemos toda a intensidade do seu relacionamento com João Dantas e as várias nuances de todos os sentimentos que daí decorrem e que, de algum modo, acarretam a sua prematura morte. Percebemos, assim, no livro de Luyse Costa, a relação delicada, mas, ao mesmo tempo, intensa, entre quadrinhos, história e sociedade, feita com traços de desenhos e palavras que oscilam entre os altos e baixos da narrativa de uma mulher como Anayde Beiriz, autêntica demais para se enquadrar numa história que não fosse, desde o princípio, escrita por ela mesma.

Referências

- BARBOSA, Marcilene Pereira. A escrita de si de Anayde Beiriz: Táticas de resistência, contornos de liberdade. In: Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 9., 2010, Santa Catarina. **Anais Eletrônicos Fazendo Gênero 9**. Santa Catarina: UFSC, 2010. p. 1-9.
- BEZERRA, Sabrina. **Anayde Beiriz em quadrinhos**. Infantojuvenil. Ilustrações de Ámerico Filho. João Pessoa: Patmos Editora, 2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- COSTA, Luyse. **Anayde Beiriz: uma biografia em quadrinhos**. João Pessoa: Mundial Edições, 2016.
- PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- SOUZA, Giovane Alves de. **A performatividade de gênero de Basil Hallward em O retrato de Dorian Gray**. 2018. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira: 2018.